

Com a maior franqueza

WILSON FIGUEIREDO

Pesquisas se comportam eventualmente como o tipo cujo prazer é ser socialmente desagradável e não perde ocasião de abor-
dar seu semelhante com jeito de quem não quer nada: “Vou falar com a maior franqueza.” Não precisava tanto, menos seria suficiente. Pesquisas eleitorais têm cuidado de não despejar tudo de uma vez. Franqueza tem hora.

Fernando Henrique parecia ameaçado apenas por Fernando Henrique, e tantas fez que acabou conseguindo tropeçar na própria língua e estatelar mais embaixo. Quando queriam perder os homens, os deuses gregos tiravam-lhes o uso da razão. Com o presidente não foi preciso. Bastou privá-lo do *alter ego* que fazia o trabalho pesado. Sérgio Motta era imbatível. O presidente se comunica mal nessa faixa de onda.

A vaidade e a soberba (primas em primeiro grau) se aliaram para demonstrar o paradoxo segundo o qual só o presidente no pleno exercício da sua personalidade seria capaz de ameaçar o presidente candidato. Desta vez, porém, o próprio Lula advertiu os seus de que a queda de asa presidencial “não significa que os votos que faltam a ele virão para nós”. (Como Fernando Henrique, quando Lula se apresenta na primeira pessoa do plural, está pensando na primeira do singular e fazendo concessão à modéstia. São candidatos siameses).

A que título então vem Ciro Gomes ao palco? Fernando Henrique e Luís Inácio se programaram para o segundo turno mas querem resolver o caso logo no primeiro. Ciro explica que veio apenas garantir o segundo turno e denuncia a formação de cartel eleitoral pelos dois. Não foi, portanto, para empatar mas para desempatar esse exclusivismo. Se os votos de um não vão obrigatoriamente para o outro, alguém po-

de recolhê-los antes de irem para o lixo. Ciro atenderá aos que não querem qualquer dos dois e, com as sobras de ambos, se habilitará ao segundo turno. Loucura embora, como em Shakespeare, tem lá o seu método.

É simples: se o presidente continuar jogando fora intenção de voto – despejando o bebê com a água da bacia – vai sobrar para ele o suficiente para saltar ao segundo turno. Considera mais provável os votos presidenciais irem para a sua conta que para a de Lula. A lei não obriga ninguém a votar contra si próprio e suicídio eleitoral é raro.

É por isso que Ciro se acredita capaz de anular a megalomania dos dois reciprocamente interessados nos votos do outro. O eleitorado de Lula acordou tarde, à espera de que o candidato se levantasse. Agora cuida de não deixar em paz os indecisos que são assim pela própria natureza, e desconfiam até de pesquisas. A candidatura do PT pegou no tranco, como automóvel sem motor de arranque, graças a Leonel Brizola.

Lula vai ter de conseguir, ainda que emprestada, a confiança dos que perderam o entusiasmo com Fernando Henrique e catequizar indecisos e ariscos. O mais difícil, porém, será trazer de rédea curta a turma radical do PT, que tem lá as suas razões para não desistir da idéia de revolução possível, pelo menos em tese. Se o país está tão ruim como dizem os oposicionistas, por que a esquerda vai se contentar com a eleição? Para isso estão aí. A prioridade de Lula é o eleitorado cativo da esquerda (insuficiente para elegê-lo presidente) e o reforço da classe média com a promessa de socialismo voltado para o consumo conspícuo. Sem a grande, mas certamente com a pequena burguesia.

Não foram caprichos, mas motivos que não interessam no momento, que levaram

Fernando Henrique – ainda antes de haver reeleição – a optar por Lula como adversário preferido. E melhor, segundo esse ponto de vista, com Brizola na garupa. (Um dia se conhecerá a história secreta da colaboração que recebeu da própria esquerda). Lula não percebeu a cilada porque pensou do mesmo jeito do presidente, embora ao contrário, e aceitou o jogo (mais adiante virá a história da opção de Lula pela candidatura). Empataram na intenção de ser votado pelo eleitor do outro e repetem por instinto o raciocínio da eleição passada.

Lula aposta na polarização e já sonha com os votos de todos os que a pesquisa considerar perdedores natos. Fernando Henrique apostou em Lula porque se convenceu de que não terá de dividir com ele os votos que quiserem evadir-se. Seus eleitores não se misturam. Para ambos, a sucessão é um condomínio particular que deixa à classe média o dilema de optar entre o que teria a ganhar pela esquerda (que é duvidoso) e o que tem a perder com o neoliberalismo que a ignora solenemente, e só está interessado no consumo. Natural que, instintivamente, dobrasse à direita e seguisse em frente. Aí Ciro Gomes apareceu para denunciar o cartel formado por Fernando Henrique e Luís Inácio.

A terceira hipótese (e não terceira via) trouxe a candidatura Ciro Gomes, com o pequeno acréscimo do capital inicial auferido na última divisão de intenções. Quer ser a alternativa em caso de catástrofe, a partir do raciocínio de que tudo é possível. O naufrágio da reeleição – por motivos de fora para dentro – levaria para o fundo a candidatura Luís Inácio, pela razão, reconhecida pelo próprio, de que os votos recusados a Fernando Henrique não ficarão para ele. Está escrito: quem com pesquisas fere com pesquisas será ferido.

Com a maior franqueza

WILSON FIGUEIREDO

Pesquisas se comportam eventualmente como o tipo cujo prazer é ser socialmente desagradável e não perde ocasião de abor- dar seu semelhante com jeito de quem não quer nada: “Vou falar com a maior fran- queza.” Não precisava tanto, menos seria suficiente. Pesquisas eleitorais têm cuida- do de não despejar tudo de uma vez. Fran- queza tem hora.

Fernando Henrique parecia ameaçado apenas por Fernando Henrique, e tantas fez que acabou conseguindo tropeçar na pró- pria língua e estatelar mais embaixo. Quan- do queriam perder os homens, os deuses gregos tiravam-lhes o uso da razão. Com o presidente não foi preciso. Bastou privá-lo do *alter ego* que fazia o trabalho pesado. Sérgio Motta era imbatível. O presidente se comunica mal nessa faixa de onda.

A vaidade e a soberba (primas em pri- meiro grau) se aliaram para demonstrar o paradoxo segundo o qual só o presidente no pleno exercício da sua personalidade seria capaz de ameaçar o presidente candidato. Desta vez, porém, o próprio Lula advertiu os seus de que a queda de asa presidencial “não significa que os votos que faltam a ele virão para nós”. (Como Fernando Henri- que, quando Lula se apresenta na primeira pessoa do plural, está pensando na primei- ra do singular e fazendo concessão à mo- déstia. São candidatos siameses).

A que título então vem Ciro Gomes ao palco? Fernando Henrique e Luís Inácio se programaram para o segundo turno mas querem resolver o caso logo no primeiro. Ciro explica que veio apenas garantir o se- gundo turno e denuncia a formação de car- tel eleitoral pelos dois. Não foi, portanto, para empatar mas para desempatar esse exclusivismo. Se os votos de um não vão obrigatoriamente para o outro, alguém po-

de recolhê-los antes de irem para o lixo. Ciro atenderá aos que não querem qual- quer dos dois e, com as sobras de ambos, se habilitará ao segundo turno. Loucura embora, como em Shakespeare, tem lá o seu método.

É simples: se o presidente continuar jo- gando fora intenção de voto – despejando o bebê com a água da bacia – vai sobrar para ele o suficiente para saltar ao segundo tur- no. Considera mais provável os votos presi- denciais irem para a sua conta que para a de Lula. A lei não obriga ninguém a votar con- tra si próprio e suicídio eleitoral é raro.

É por isso que Ciro se acredita capaz de anular a megalomania dos dois reci- procamente interessados nos votos do ou- tro. O eleitorado de Lula acordou tarde, à espera de que o candidato se levantasse. Agora cuida de não deixar em paz os in- decisos que são assim pela própria natu- reza, e desconfiam até de pesquisas. A candidatura do PT pegou no tranco, como automóvel sem motor de arranque, graças a Leonel Brizola.

Lula vai ter de conseguir, ainda que em- prestada, a confiança dos que perderam o entusiasmo com Fernando Henrique e cate- quizar indecisos e ariscos. O mais difícil, porém, será trazer de rédea curta a turma radical do PT, que tem lá as suas razões pa- ra não desistir da idéia de revolução possí- vel, pelo menos em tese. Se o país está tão ruim como dizem os oposicionistas, por que a esquerda vai se contentar com a elei- ção? Para isso estão aí. A prioridade de Lu- la é o eleitorado cativo da esquerda (insufi- ciente para elegê-lo presidente) e o reforço da classe média com a promessa de socia- lismo voltado para o consumo conspícuo. Sem a grande, mas certamente com a pe- quena burguesia.

Não foram caprichos, mas motivos que não interessam no momento, que levaram

Fernando Henrique – ainda antes de haver reeleição – a optar por Lula como adversá- rio preferido. E melhor, segundo esse pon- to de vista, com Brizola na garupa. (Um dia se conhecerá a história secreta da colabora- ção que recebeu da própria esquerda). Lula não percebeu a cilada porque pensou do mesmo jeito do presidente, embora ao con- trário, e aceitou o jogo (mais adiante virá a história da opção de Lula pela candidatura). Empataram na intenção de ser votado pelo eleitor do outro e repetem por instinto o ra- ciocínio da eleição passada.

Lula aposta na polarização e já sonha com os votos de todos os que a pesquisa considerar perdedores natos. Fernando Henrique apostou em Lula porque se con- venceu de que não terá de dividir com ele os votos que quiserem evadir-se. Seus elei- tores não se misturam. Para ambos, a suces- são é um condomínio particular que deixa à classe média o dilema de optar entre o que teria a ganhar pela esquerda (que é duvido- so) e o que tem a perder com o neoliberalismo que a ignora solenemente, e só está interessado no consumo. Natural que, ins- tintivamente, dobrasse à direita e seguisse em frente. Aí Ciro Gomes apareceu para denunciar o cartel formado por Fernando Henrique e Luís Inácio.

A terceira hipótese (e não terceira via) trouxe a candidatura Ciro Gomes, com o pequeno acréscimo do capital inicial auferido na última divisão de intenções. Quer ser a alternativa em caso de catás- trofe, a partir do raciocínio de que tudo é possível. O naufrágio da reeleição – por motivos de fora para dentro – levaria pa- ra o fundo a candidatura Luís Inácio, pe- la razão, reconhecida pelo próprio, de que os votos recusados a Fernando Hen- rique não ficarão para ele. Está escrito: quem com pesquisas fere com pesquisas será ferido.